

**Resenha de:** SANTOS, Boaventura Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina; 2020.

Lucas Carneiro Costa<sup>1</sup>

### **Problemas econômicos trazidos pelo texto e a relação entre educação-pandemia-economia**

Há um consenso acadêmico de que a pandemia evidenciou diversos problemas que já existiam. Além de destacar estas questões, a pandemia também se mostrou como um período particularmente difícil para certas classes e setores sociais (COSTA *et. al*, 2022). E em todos os temas que discutimos a pandemia e suas consequências, encontramos este fenômeno: a desigualdade social e a inclusão. A educação e a inclusão escolar, objetos de comentários neste trabalho, são áreas que foram diretamente impactadas pela pandemia e que evidenciaram ainda mais as desigualdades sociais e econômicas presentes na sociedade brasileira.

Boaventura de Sousa Santos, em seu livro, postula que a pandemia de COVID-19 não é apenas uma crise sanitária; é também uma crítica ao modo como organizamos a sociedade. Assim, conseqüentemente, nos desafia a pensar sobre as estruturas de poder em nossa sociedade e como elas podem ser transformadas para criar um futuro mais inclusivo e sustentável. Ainda que publicado em abril de 2020, durante os estágios iniciais da pandemia (portanto, visualizando dentro um contexto mais limitado), o livro disserta sobre a relação entre educação-pandemia-economia.

Acerca da estrutura do livro em si, no primeiro capítulo, o autor debate a ideia de que as verdadeiras características das instituições sociais emergem tanto em tempos de normalidade quanto em crises. Ele introduz o conceito de "normalidade da exceção", em que a crise permanente serve para justificar políticas que intensificam desigualdades e postergam ações contra ameaças ambientais iminentes. Avançando para o segundo capítulo, o autor discute como a pandemia desvelou a opacidade das discussões políticas e culturais que normalmente estão distantes das realidades da maioria da população. Santos critica a gestão política da pandemia e como certas práticas podem deteriorar a democracia ao invés de fortalecê-la.

No terceiro capítulo, Santos foca na desigualdade de como a pandemia afeta diferentes grupos sociais, enfatizando como as medidas de quarentena impactam desproporcionalmente os mais vulneráveis. O quarto capítulo oferece uma reflexão sobre o que a pandemia ensina sobre a sociedade contemporânea, incluindo a incapacidade dos modelos econômicos atuais de proteger a saúde pública e a necessidade de repensar a

---

<sup>1</sup> Mestrando em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Ouro Preto. Email: [lucascosta@live.com](mailto:lucascosta@live.com)  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2376-4858>

organização social e econômica. Por fim, no quinto e último capítulo, Santos argumenta que a pandemia oferece uma oportunidade única para reimaginar e reconstruir um mundo mais justo e sustentável. Ele sugere que a crise atual poderia ser um catalisador para uma mudança radical em direção a uma sociedade mais equitativa e menos dependente de sistemas econômicos predatórios. Dessa forma, os três assuntos, "Educação", "Pandemia" e "Economia", são integrados.

Apesar dessa integração, ao explorar o livro, o leitor notará que, embora o autor ressalte a relevância das ciências econômicas no contexto atual e examine a conexão entre a crise sanitária e a economia, ele o faz sem aprofundamento (apenas tendo em vista os impactos que a pandemia tem causado na sociedade como um todo, citando-os de maneira geral). Considerando que a abordagem econômica no livro é tratada dessa maneira generalizada, o propósito desta resenha não se limitará apenas à análise da obra, mas também se esforçará para aprofundar, ainda que de forma concisa, essa discussão.

Em relação à importância da economia, podemos destacar que essa ciência é fundamental para a compreensão dos processos econômicos e sociais que orientam as dinâmicas da sociedade contemporânea. Nesse sentido, as ciências econômicas podem contribuir para a compreensão dos impactos que a pandemia tem causado na economia, no mercado de trabalho e na vida das pessoas em geral. Boaventura de Sousa Santos, em seu livro "A cruel Pedagogia do Vírus", faz uma crítica contundente à "lógica capitalista que orienta as políticas neoliberais" (ou, em outra terminologia, fundamentos radicais do liberalismo econômico), que têm sido responsáveis por agravar a desigualdade social e econômica em todo o mundo. Ele argumenta que a pandemia de Covid-19 evidenciou de forma ainda mais clara as consequências nefastas dessa lógica, tendo em vista que os grupos mais vulneráveis da sociedade são os que mais sofrem os impactos da crise sanitária e econômica (também se destaca, dentro destes, a crise climática).

A pandemia de Covid-19 teve um impacto significativo na economia brasileira e mundial. As medidas de contração econômica adotadas pelos governos em todo o mundo, como o isolamento social e o fechamento de empresas e serviços não essenciais, tiveram um efeito imediato na economia, com a diminuição da atividade produtiva e o aumento do desemprego. No Brasil, o impacto foi particularmente forte em setores primários. O Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro no ano de 2020 teve uma queda de cerca de 4,1%, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Além disso, a pandemia também teve impacto sobre a inflação e a dívida pública, que aumentaram em virtude das medidas fiscais expansionistas (emergenciais) adotadas pelos governos para enfrentar a crise.

No contexto mundial, os impactos foram igualmente graves. O comércio internacional foi afetado, com a diminuição da demanda e a interrupção das cadeias produtivas. Países que dependem do turismo foram particularmente afetados, como o Caribe e o sul da Europa. A Organização das Nações Unidas (ONU) estimou que milhões de pessoas em todo o mundo

poderiam passar por insegurança alimentar em 2021 como resultado da pandemia e das suas consequências econômicas. Por outro lado, um relatório da Oxfam, que foi produzido com base em dados da Forbes, expôs que fortuna de bilionários do mundo cresceu 60% durante a pandemia. Ao rever esses dados, podemos corroborar com o ponto de vista do autor, de que a pandemia evidenciou ainda mais as desigualdades sociais e econômicas presentes no mundo.

Diante desse contexto, complementando o que o livro aborda, a inclusão escolar em países em desenvolvimento se revela também como um desafio econômico. Não apenas atua como uma ferramenta para nivelar as desigualdades sociais e econômicas exacerbadas pela pandemia, mas como um meio para promover a ascensão social. Ao se investir em educação, cria-se a possibilidade de uma sociedade mais educada e complexa, capaz de gerar empregos de alto valor agregado e, conseqüentemente, uma economia mais robusta. Isso implica em garantir o acesso universal à educação e integrar políticas que abordem diretamente as necessidades dos estudantes mais vulneráveis, proporcionando-lhes recursos adequados como acesso à tecnologia, programas de alimentação escolar, e assistência médica, que são essenciais para que possam aproveitar plenamente as oportunidades educacionais (além disso, é imperativo que tais políticas sejam acompanhadas de esforços sustentados para capacitar educadores e adaptar currículos).

Durante a pandemia, alguns países têm adotado medidas interessantes para lidar com os impactos econômicos da crise e proteger as pessoas mais vulneráveis. Entre os vários exemplos, podemos citar a Coreia do Sul e o próprio Brasil, que implementaram programas de distribuição de renda para os cidadãos mais pobres e para pequenas e médias empresas. E assim como estamos discutindo, essas medidas são importantes porque demonstram que a igualdade social pode ser considerada um parâmetro para a implementação de políticas públicas, especialmente durante uma crise como a pandemia. Ao proteger os trabalhadores mais vulneráveis e apoiar as empresas locais, os governos podem ajudar a mitigar os impactos econômicos da crise e garantir que a recuperação seja justa e inclusiva. Porém, pesquisadores como Thomas Piketty, Naomi Klein, Kate Raworth e Yanis Varoufakis acreditam elas não serão suficientes enquanto não repensarmos o modelo econômico que orienta a sociedade contemporânea. Nesse aspecto, esses autores acreditam ser necessário repensar o modelo econômico atual e propor alternativas mais justas e sustentáveis, da mesma forma em que Santos coloca em seu livro. A questão essencial, contudo, é que livro "A cruel Pedagogia do Vírus", não fornece explicações detalhadas de como (qual é o método como) isso deve ser feito.

As políticas implementadas de distribuição de renda vão no sentido de mostrar que é preciso repensar a forma como a riqueza é distribuída na sociedade, promovendo uma distribuição mais equitativa e justa. Essa pode ser uma maneira de começar a repensar o modelo econômico atual, ainda mais se essas políticas forem permanentes (como a

tributação progressiva e a implantação de uma renda básica universal). Por outro lado, o autor parece desejar outras políticas públicas mais amplas e profundas, talvez mais disruptivas, heterodoxas e de caráter antirreformista.

Diante de todos esses apontamentos, há espaço para lamentar a falta de dedicação ao tema da economia por educadores. Esse "descuido" pode ser um problema significativo na formação de cidadãos conscientes e críticos em relação aos fenômenos econômicos. Muitas vezes, a economia é vista como uma disciplina complexa, o que pode levar a uma falta de interesse e compreensão dos princípios básicos que regem o funcionamento da economia. Mesmo assim, é importante destacar que a economia está presente em diversas esferas da vida dos indivíduos e da sociedade, seja na escolha de consumo, no mercado de trabalho, na distribuição de recursos, na formulação de políticas públicas, entre outros. Negligenciar o ensino da economia, ou mesmo, de forma mais simples, não ter aprofundado essa discussão em um livro que foi amplamente lido por educadores, pode ser prejudicial para a formação de cidadãos ativos e críticos em relação aos desafios econômicos contemporâneos.

### **Referências**

COSTA, L. C.; PEREIRA, M. C. R.; BARROS, M. D. M. O que a pandemia nos tem "ensinado" sobre a escola, seus sujeitos e a inclusão? *Pedagogia em Ação (PUC-MG)*, v. 19, n. 2, p. 71-80, 2022.

SANTOS, Boaventura Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina; 2020.